

Kodokan

Casa Branca, abril de 2023

1ª edição

O encontro das artes



Ivan Parreiras de Carvalho

em coautoria com Sandra Palma

Copyright @ by Ivan Parreiras de Carvalho, 2023

Autor

Ivan Parreiras de Carvalho

Concepção, transcrição, redação, edição, revisão e aprovação da cópia impressa

Sandra Palma

Coautoria

Sandra Palma

Imagens

Arquivo pessoal da família

Projeto gráfico, diagramação e capa

Marina Takeda

1ª edição

Edição do autor

Papel Soft Pólen gramatura 90g/m², capa papel Cartão 250g/m²

Abril/2023

Legendas

Foto da capa: Ivan Parreiras de Carvalho ao lado do Sensei Tote

Foto da contracapa: Retrato do Jigoro Kano, crayon de Ivan Parreiras de Carvalho

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Carvalho, Ivan Parreiras de
Kodokan : o encontro das artes / Ivan
Parreiras de Carvalho, Sandra Palma. -- 1. ed. --
Araçariguama, SP : Ed. dos Autores, 2023.

ISBN 978-65-00-65431-8

1. Biografia 2. Experiências de vida 3. Judô
4. Maçonaria 5. Memórias - Biografia 6. Xadrez
I. Palma, Sandra. II. Título.

23-149444

CDD-920.71

Índices para catálogo sistemático:

1. Homens : Biografia 920.71

Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253

Kodokan

Casa Branca, abril de 2023

1ª edição

O encontro das artes



Ivan Parreiras de Carvalho

em coautoria com Sandra Palma

Minha filosofia de vida

*“Do comportamento igual
que conduz a multidão,
não sigo a regra geral
prefiro ser exceção”.*

Sebas Sundfeld

Professor e amigo de Tambaú

AGRADECIMENTOS

Agradeço à prima Sandra e sua mãe Diná, minha prima irmã

NOTA DO AUTOR

A escrita deste livro só foi possível graças a mania que tenho de guardar fotografias e recortes de jornal. Organizo tudo em álbuns. Tenho 14 sobre judô e 19 de outros assuntos, como xadrez, cordel, trovas, desenho, maçonaria; além de notícias de vários membros da família.

DEDICO A

Dedico este livro aos meus pais - Anna Parreira de Carvalho, conhecida na família como Anete, e Diaulas Nogueira de Carvalho (*in memoriam*). Também às minhas irmãs - Neuza de Carvalho Luggli (*in memoriam*) e Diva de Carvalho Suzuki.

NOTA DA COAUTORA

Quando minha mãe ligou dizendo – “tenho uma encomenda difícil para você”, não tinha ideia do que de fato isso significaria. “Quero que escreva a história do Ivan, mas vai se preparando porque ele é muito cerimonioso, detalhista e tem tudo organizado em pastas com fotografias e recortes de jornal. Está preparada?”. Com um certo frio na barriga, respondi que sim e fui visitá-lo em Casa Branca.

Voltei com a certeza de que minha mãe não tinha exagerado!

Apesar de ser introvertido, Ivan tem ótimo senso de humor e sabe exatamente o que quer deixar registrado em seu livro.

Mas, traduzir dezenas de álbuns de fotografias e recortes de jornal em texto corrido, não foi brincadeira! Exigiu muita atenção, imaginação e desprendimento.

Adorei!

PREFÁCIO

Diná Palma

Fevereiro de 2023

Quando sugeri ao querido primo que colocasse suas trovas em livro, não poderia imaginar que o prefácio sobrasse para mim.

Misericórdia! Não entendo nada disso.

Como escrever para um grande mestre?

Escrevo, então, com o coração.

Sua mãe, irmã da minha mãe; seu pai, irmão do meu pai.

Que privilégio!

Primos, amigos, irmãos.

Quantos anos de convivência feliz.

Quantas homenagens você fez para mim, com trovas sobre a infância, sobre o primeiro neto, da Bodas de Ouro.

Quantos mimos através do Sedex, de recortes de jornais e revistas, falando sobre chocolate e sobre o rei Pelé, alegrando meu coração santista.

Suas trovas me encantam, são leves, bem humoradas, divertidas.

E este trovador é um grande mestre!

Mestre no desenho.

Mestre no judô.

Mestre no xadrez.

Agora, seu grande sonho está realizado.

Seu livro está pronto, e para meu orgulho, a escritora é minha filha.

Parabéns!

Você merece.

ÍNDICE



Capítulo 1

1938
a arte de viver

Pág. 13



Capítulo 2

Judô
uma arte marcial

Pág. 53



Capítulo 3

Xadrez
um esporte com
arte e ciência

Pág. 83



Capítulo 4

Cordel e Trova
artes da poesia popular

Pág. 103



Capítulo 5

Crayon
a arte no desenho

Pág. 171



Capítulo 6

Maçonaria
a arte em unir
liberdade, igual-
dade e fraternidade

Pág. 195

Posfácio

Pág. 211



Vultos da História de Tambau

Coronel Militão Nogueira de Carvalho (37)

Paulista de quatrocentos anos, seus ancestrais figuram no Nobiliário de Pedro Taques e os Genealogos de Sofia Leme no Tribo Indico, Militão Nogueira de Carvalho nasceu em Tambau a 27 de janeiro de 1860 sendo filho de José Nogueira Terra e de d. Mariana de Jesus Cardoso duas vezes, a primeira com d. Alexandrina Rosalina de Carvalho, filha de José Venâncio Vilas Boas e de d. Anzota Inácia de Medeiros, tendo depois casamento os filhos José, Alexandre, Marizete, Ana, Rita...

Pa. Pontzen e o grupo de Ingueiros-Japoneses



Sábado, 19 de julho de 2014 Contando Histórias Do grupo Escolar Alfredo Guedes - encerramento do



1938

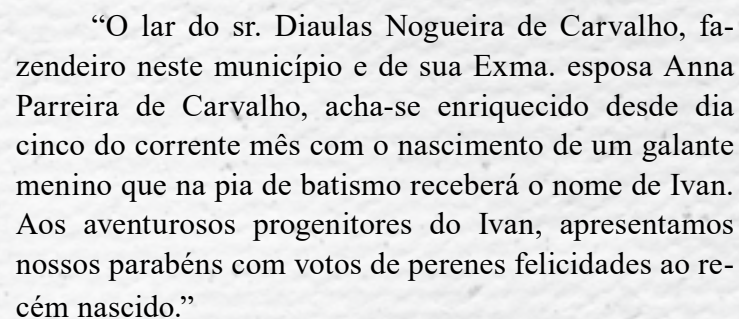
CAPÍTULO 1

A arte de viver



“A vida é muito curta para ser pequena”

1938 FOI O ANO em que meu nome foi mencionado numa mídia impressa pela primeira vez. Naquela ocasião, o jornal O Tambaú de 19 de novembro de 1938, comunicava meu nascimento:



“O lar do sr. Diaulas Nogueira de Carvalho, fazendeiro neste município e de sua Exma. esposa Anna Parreira de Carvalho, acha-se enriquecido desde dia cinco do corrente mês com o nascimento de um galante menino que na pia de batismo receberá o nome de Ivan. Aos aventureiros progenitores do Ivan, apresentamos nossos parabéns com votos de perenes felicidades ao recém nascido.”

Contudo, por um erro do escrivão, coisa comum naquela época, meu sobrenome saiu no plural - Parreiras. Talvez por isso tenha me tornado um homem de “múltiplas habilidades”.

Então, fui registrado Ivan Parreiras de Carvalho.

Minha família é tradicional no Brasil, com uma história longa no noroeste do estado de São Paulo.

Pelo lado paterno sou neto do Coronel Militão Nogueira de Carvalho e Alexandrina Rosalina Nogueira de Carvalho. Vovô Militão se casou duas vezes. Do primeiro matrimônio teve nove filhos. Quando meu pai tinha dez anos, 1918, vovó Alexandrina morreu de Gripe Espanhola (que na verdade era americana). Mais tarde, já com 60 anos, ele se casou com a Doninha te teve mais cinco filhos. Tinha algumas fazendas e varias casas em Tambaú. Por diversas vezes foi vereador da Câmara Municipal, sempre lutando em prol das boas causas. Deve-se a ele a construção da estrada de rodagem que liga nossa cidade a São Pedro dos Morrinhos, por exemplo. Foi oficial da guarda Nacional galgando todas as patentes de alferes e coronel. Vovô Militão foi companheiro político de Alfredo Guedes e faleceu em 1956.

Pelo lado materno, sou neto do Capitão Diaulas Parreira e Mariana de Carvalho Parreira. Vovô Diaulas era farmacêutico e muito caridoso. Foi ajudante do procurador da república, presidente da Câmara Municipal, Juiz de Paz, inspetor escolar e prefeito de Tambaú por duas vezes - 1911 e 1937. Entre tantas benfeitorias, construiu o prédio Municipal, melhorou o abastecimento de água e iluminação pública, debelou a epidemia de varicela e fundou o Grupo Escolar Alfredo Guedes onde estudei e existe até hoje. Também trabalhou como redator no jornal O Tambaú. Era muito instruído. Tanto vovô Militão quanto vovô Diaulas tem, em Tambaú, rua com seus nomes.

Ainda pelo lado materno, o pai do vovô Diaulas, meu bisavô Coronel Francisco Mariano Parreira foi o fundador da cidade de Vargem Grande do Sul, MG, no ano de 1873. Mais recentemente, doei ao museu desta cidade, muitos documentos que eu tinha guardado, e também alguns do Bi e Nita. Entre os 18 documentos doados, todos dos anos 1800, encontra-se a patente de Coronel do meu bisavô, do tempo do Império. E também seus “títulos” do Império da República. Imaginem!

Mineiro de Ouro Fino, mudou-se posteriormente para São João da Boa Vista onde chegou a atuar como oficial da Guarda Nacional comandando a cavalaria desta cidade durante a guerra do Paraguai. Teve a felicidade de prender nessa ocasião, parte dos criminosos. Foi também funcionário público por 60 anos atuando como delegado, juiz de paz e de direito, conquistando grande estima e respeito pela verdadeira compostura de juiz. Ali, chegou a criar o Partido Republicano.

ATÉ OS ONZE ANOS vivi na Fazenda Matão em Tambaú, época em que tenho muitas recordações. Ao completar oito anos precisei mudar para a cidade para cursar o primário e fui morar na casa do tio Clovis e tia Olivia, irmã do papai. Com eles passava a semana e voltava para a fazenda às sextas feiras. Me lembro que meu pai ia me buscar de trole. Nesta época, minha irmã Neuza, dois anos mais nova, estava em Casa Branca morando com tio Militão e tia Dina. E minha irmã Diva, oito anos mais nova, logo precisaria estudar. Então, meu pai decidiu vender a fazenda e mudar para São Paulo, assim poderíamos morar todos juntos.

Mudamos para uma rua de um único quarteirão – Rua Icoarana, na Pompeia, vizinhos da tia Beloca e tio Parreira, já médico e que morava com ela. Em frente a casa da tia Beloca morava a tia Lourdes. E na esquina de baixo papai construiu nossa casa. Eram todas sobrados. Estávamos rodeados pela família - mamãe morava ao lado de três irmãos. Era lindo! Só tia Dina continuou morando em Tambaú. Neste endereço, Neuza e eu terminamos o primário.

Para falar desta época de infância e início de juventude, escrevi um cordel por sugestão (ou provocação?) da prima Diná, quando fiz 60 anos. Ela gostou tanto que acabou fazendo um “folheto” e enviando aos parentes pelo correio. Quase apanho da “Dona Anete”!

Cá está ele na íntegra.

60 ANOS SIM, MAS BEM VIVIDOS!

Parte 1

O duro do aniversário nesta idade, é o desprazer, desta coisa tão sem graça que é difícil de escrever: todos teimam em lembrar quando procuro esquecer!

E tem gente que ainda diz que até mereciam cordel,

como se ficar mais velho fosse aquela lua de mel; pois... sessenta... na verdade tem certo gosto de fel!

Talvez pudesse ser feito se fosse pra outro escrever, é fácil dar sugestão e só esperar para ler; é como fazer promessa sem precisar se benzer!

Mas, sua carta despertou tantas lembranças queridas, recordando minha infância com coisas tão divertidas, que vou aqui tentar fazer ainda que bem resumidas.

Mas, depois de tantos anos vai ser muito bagunçado, por depender da memória vai ficar prejudicado; nem vou ter muita sequência pra dar conta do recado.

Parece mesmo que foi ontem mas o tempo vai passando, e pensei ter visto tudo nos bons momentos lembrando, até sentindo um friozinho com a saudade apertando.

Mas o que faltava ver (e fico agora invejando), é como “a pessoa” consegue (parece vestibulando...) mexer em computador quando já está caducando!

Para evitar mau entendido neste início de caminho, pois não quero melindrar, quero tudo direitinho, digo aqui sinceramente: não pensei no Reynaldinho!

Nos anos lá da fazenda não se tinha tempo ruim;

eu recordo as peraltices pulando do trampolim, gastando moedas de réis na safra do amendoim.

Pra nadar lá na represa em várias vezes por ano, iam o Bi, Mauro e Sherife (e para rimar) Juliano; o Mingo, o Milton, o Mário e de penetra o fulano.

O Jarbas, Reynaldo e Osmar são outros que não me engano, tio Militão e tio Clóvis na turma de “veteranos”, e meu pai que para mim era o grande soberano!

Teve um, que para o futuro nos causaria muito dano, e foi realmente uma pena (que me perdoe o Vaticano) que não morresse afogado seu tio - o tal de Jordano!



No Matão daquele tempo só tinha luz de lampião, era tudo tão gostoso

só brincando, que vidão...
ninguém me pedia “escritos”
não se tinha amolação!

Quando chegava os parentes
era com muita alegria,
o dia todo era de festa
com grande comedoria,
carne de vaca e de porco
sem um tiquinho de azia.

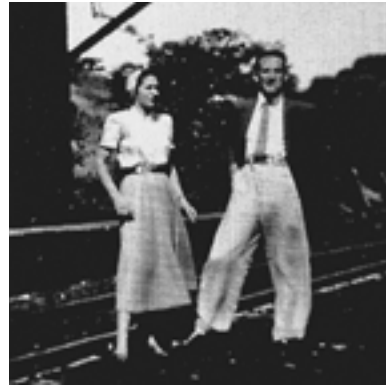
Pamonha, pé-de-moleque
doce de coco, ambrosia,
muitas frutas, como pera,
goiaba, caqui, melancia;
pensar em coisa melhor
até seria covardia.

Havia lá forno redondo
tocado a muita madeira,
para fazer as gostosuras
que era coisa rotineira,
pois mamãe, como até hoje,
era grande quituteira.

Um fato recorde agora
pois tinha bastante gente,
fomos ao Lapa à cavalo
e o dia estava bem quente,
com as primas de São Paulo
e cada uma mais saliente.



Vou talvez errar alguma
pois era muito parente,
tinha a Edir, a Nita, a Sônia,
Zezé e Ninita na frente
e já - desde aquele tempo
Terezinha... a descontente!



Era uma grande subida
entre o Lapa e o Matão,
e era gostoso de ver
naquela dita ocasião,
as “caipiras” de São Paulo
passarem a maior aflição.

Continuando essa lembrança
eu fico agora com essa,
do Matão indo pro Lapa
parecia longe à beça
era uma grande jornada
mas também não havia pressa!

Ao começar o cordel
me meti numa enrascada,
escrevia de dia e de noite
ficando até de madrugada,
vou precisar de sua ajuda
pois senão não chego a nada!

Para então facilitar
com tanta coisa passada,
como nesta – “ida ao Lapa”-
sendo a prima mui letrada
escrevo daqui esta saída
você escreve daí, a chegada!



Olha agora estes “vaqueiros”
merecendo apreciação,
O Bi e Mingo do meu lado
tios Parreira e Militão,
papai comigo no “colo”
que bons tempos do Matão.



Nesta foto lá de casa
daquele tempo passado,

com tanta gente querida
já fica o “poeta” abalado;
me deixa quase chorando
com o coração apertado!

Outra coisa que não esqueço
que merece comentário,
num galpão atrás da tulha
quando tinha aniversário,
o Jarbas cantando ali
nunca teve adversário.

Quando vinha a sobremesa
como um palco precário,
ele subindo na mesa
formando um lindo cenário,
com a “Cabocla Tereza”
até parecia um canário!

Com o primário em Tambaú
faço aqui citação,
ficava eu lá no tio Clóvis
(na pracinha da estação)
por quem tenho carinho
e muita admiração.



Da tia Olívia nem se fala
pra falar sou até suspeito,
é minha segunda mãe
mulher de grande respeito,
e que desde aquele tempo
mora aqui... dentro do peito!

Já com Lelé, é outro caso,
era o dono do “estopim”,
não se podia contrariar
parecendo o tal de Caim;
quando fazia lá suas artes
botava a culpa em mim!

Tinha dó da tia Olívia
quando um bando de “escoteiros”,
Jarbas, Bi, Osmar, Reynaldo
parecendo cangaceiros,
começavam lá no quarto
a guerra de travesseiros!

No empório do tio Clóvis
(um belo ponto de venda)
Lelé pedia alguma coisa
e levava outra de “prenda”,
pé-de-moleque e outros doces
era mesmo de encomenda.

Carne seca e bacalhau
era outra coisa estupenda;
eu só não estava de acordo
ele lhe dava reprimenda
quando pegava cigarro
pra fumar lá na fazenda!

No final de toda a infância
não se falava em TV,

era tudo muito puro
nem havia miserê;
e eu me lembro muito forte
das tardes do matinê.

A gente não via a hora
de ouvir a sereia tocando,
para assistir o Tom Mix
e o Charlie Chan venerando,
Buck Jones e os mocinhos
os bandidos liquidando.

Charles Starret e Tarzan
são outros que vou citando,
Cisco Kid no momento
é o último que estou lembrando;
eu confesso estar agora
aquele tempo invejando!

E as revistas dos heróis
era de “tirar chapéu”,
o “gibi” com o “guri”
cada uma era um troféu;
quando chegava na banca
era um presente do céu!

Estes fatos do passado
enquanto o cordel avança,
já me deixou preocupado
e causam insegurança;
muitos outros aparecem
depois de cada lembrança.

Como então “se resumir”
o que é gostoso lembrar,
são coisas tão importantes
que é interessante notar,



Jigoro Kano

Desenho à crayon por Ivan Parreiras de Carvalho